

## PODE-SE FALAR EM ESTRUTURA NO FAZER ANALÍTICO?

*Maruza Bastos de Oliveira\**

### RESUMO

O objetivo deste artigo é interrogar se o fazer do analista, no qual a interpretação ocorre em atenção flutuante e a escuta é marcada pelo inconsciente, pode ser considerado um lugar estrutural. O autor acredita que o enquadre é expressão de uma estrutura que dá corpo ao trabalho de análise. Ele afirma que, para-além da fala, o que o psicanalista encontra é um sujeito atravessado pela linguagem, a partir de onde emergiria a composição literária que se processa em cada análise.

Palavras-chave: fala; literatura; estrutura.

### ABSTRACT

IS THERE A STRUCTURE IN THE DISCOURSE OF PSYCHOANALYSIS?

*This article's objective is to ask if the analyst's work, in which interpretation happens in floating attention and listening is imprinted by the unconscious, can be considered a structural place. The author believes that the setting expresses a structure that embodies the analytic work. He states that, beyond speech, what the psychoanalyst finds is a subject crossed by language, from which emerges the literary composition that develops during each analysis.*

*Keywords: speech; structure; literature.*

---

\* Membro Psicanalista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID); Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Este artigo foi idealizado a partir da leitura do estudo intitulado *A estrutura em metapsicologia* de Horus Vital Brasil que realizei durante o curso *Psicanálise e clínica*, na Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle. O curso, na sua ementa, faz referência à noção de estrutura ao comunicar que os artigos a serem abordados “contribuem na definição da posição do analista como um ‘lugar estrutural’ que valoriza a especificidade da clínica psicanalítica pelo princípio da alteridade...”. Deste fragmento, sobressai a intenção de definir a posição do analista como um lugar estrutural. No que consiste esse lugar estrutural que se atribui como a posição do analista? O termo “estrutural”, ao ser usado para qualificar *lugar*, de modo abstrato, o define. O que se quer designar quando se define a posição do analista como lugar estrutural?

Toda vez que a palavra estrutura aparece no discurso psicanalítico, pergunto-me se ao utilizá-la o usuário está ciente da carga conceitual, filosófica e histórica que ela contém. Isto porque observo que esta palavra integra o vocabulário corrente deste campo. Discorrer sobre a estrutura significa admitir o fascínio que outrora exerceu; a exigência de rigor que imprimiu mudanças substanciais no proceder das ciências humanas; e a força da influência ainda ativa que exerce na psicanálise, apesar das críticas – de um logicismo exacerbado e/ou de menosprezo às teses humanistas. O que acende nossa curiosidade para entender como se sustenta a assimilação do conceito no campo da psicanálise.

A palavra estrutura se apresenta na fala do psicanalista como que dissociada do discurso que lhe garantiu a identidade conceitual necessária para o seu reconhecimento. Por isto formulo aqui o convite para se produzir a articulação entre o conceito de estrutura, com a herança histórica dele indissociável, e o saber que advém da prática clínica, o qual se sustenta na confissão do analisando e na construção que o analista remetido a esta confissão opera.

## A NOÇÃO DE ESTRUTURA

A palavra estrutura vem do latim *structura*. Significa em sentido lato a disposição e ordem das partes de um todo, o qual se refere a

uma obra literária ou musical, a uma construção capaz de suportar cargas, a um organismo vivo.

Jean Pouillon ([1966] s/d) considera que podemos encontrar o berço do sentido da palavra na arquitetura. Neste contexto estrutura designa a forma como o edifício está construído. A ampliação do termo engloba a maneira como as partes integrantes de um todo se organizam numa totalidade – entendendo-se *todo* como substância, corpo vivo ou discurso. O termo adquiriu adesão em diversas disciplinas, como na anatomia, na psicologia, na geologia, na matemática, dentre outras. Para Pouillon, estrutura é “aquilo que nos revela a análise interna de uma totalidade: elementos, relações entre elementos e o arranjo, o sistema dessas mesmas relações” (Pouillon, [1966] s/d: 3). O que significa dizer que este tipo de análise possibilita o acesso ao esqueleto do objeto, para nele se produzir a distinção entre aquilo que se considera essencial e aquilo que se considera acessório.

Segundo Pouillon, a noção de estrutura sempre existiu, ainda que sob outras designações, como essência, forma, figura, conjunto, totalidade, organismo, sistema ou visão de mundo. Derrida ([1967] s/d) chama a atenção para o fato de que o conceito de estrutura é tão velho quanto a *episteme*, o que significa dizer que a estrutura tem a idade da ciência e da filosofia ocidental. Roland Barthes ([1963] s/d) também concorda que estrutura é um termo antigo que se banalizou pelo uso indiscriminado, cuja mera utilização não caracteriza compromisso nem filiação a qualquer disciplina do conhecimento. Para Barthes, a estrutura é um simulacro do objeto em cuja imitação algo que permanecia invisível no objeto natural emerge.

O que distingue então o estruturalismo de outros sistemas de pensamento? O estruturalismo se particulariza como um sistema de pensamento, não pelo uso da palavra estrutura, mas por adotar o rigor do modelo lingüístico proposto por Ferdinand de Saussure ([1907-1911] 1995). É nesse sentido que a lingüística pode ser considerada a ciência da estrutura por excelência.

Quando falamos de relações estruturais nos referimos a relações fundamentais. Na verdade podemos ampliar a acepção da pala-

vra e dizer que tudo o que existe, se não for inteiramente amorfo, possui uma estrutura.

## SOBRE O ESTRUTURALISMO

O estruturalismo não se configura como uma doutrina filosófica nem se caracteriza como um método. É mais do que um método e menos que uma filosofia. Por estruturalismo se entende a exigência de um rigor na forma de captação do mundo, de uma dada realidade.

Estruturalismo designa um lugar teórico; um ponto de convergência de múltiplas atividades que não apresentam coerência entre si nem buscam unicidade. Em seu epicentro se encontra o modelo da lingüística moderna, tal como concebida por Saussure ([1907-1911] 1995). Ao falar sobre o objeto da lingüística e a impossibilidade de considerá-lo um fenômeno dado, Saussure esclarece que o objeto não precede o ponto de vista, antes o inverso, é o ponto de vista que cria o objeto.

Para Barthes ([1963] s/d), o estruturalismo consiste numa atividade na qual se regula um determinado número de operações mentais que visa à reconstituição de um objeto. Análise que cumpre uma ordem operatória ao se aproximar do real através de sua decomposição e sua subsequente recomposição. Neste processo, o homem se insere inteiro com sua história, sua visão, seu mundo, inscrevendo suas possibilidades e suas impossibilidades. E esta marca humana renova o objeto, adiciona a ele o novo que consiste no próprio homem. O que significa dizer que nunca se apreende o real em si, mas sim uma parcela humanizada dele. Esta compreensão nos autoriza a falar que o que está em jogo não é a competência que temos para nos apropriar do mundo, e sim a capacidade que possuímos de fabricá-lo, de criá-lo. E esta fabricação circunscreve e abrange a inscrição do homem. Não há um homem que observa o mundo e dele extrai impressões. Há o mundo e neste se inclui o homem que o criou.

Usamos a palavra estruturalismo para qualificar um tipo de atividade e de linguagem. A linguagem é muito mais do que um instrumento para exprimir idéias. É o lugar onde as idéias emergem sempre ligadas ao seu ponto de origem.

Lacan observa que o essencial do trabalho clínico se concentra na realidade da fala. Considera um erro ver na linguagem apenas um instrumento e critica os analistas que acreditam precisar falar a linguagem do analisando.

O estruturalismo põe o problema da linguagem em foco. A linguagem não nos fornece a realidade de uma forma imediata e neutra, antes, cria uma forma convencional, cultural e histórica que nos reenvia à realidade. O estruturalismo consiste ele mesmo numa forma de linguagem.

Para o pensamento estruturalista tudo existe na dimensão do discurso. Portanto, não é válido imaginar a existência de uma realidade extralingüística. O acesso à realidade somente é possível através da experiência lingüística. Por isso toda a relação que estabelecemos com a realidade é em si significativa.

O estruturalismo nos convida ao passado e esse retorno revela a topologia da inovação que propõe. O novo remete ao antigo e, neste movimento, atualiza os textos mestres de Saussure ([1907-1911] 1995), Marx (citado por Dosse, 1993) e Freud ([1937] 1976).

## O FUNDADOR DO ESTRUTURALISMO

Ferdinand de Saussure ([1907-1911] 1995) é considerado o pai fundador do estruturalismo, porque esse movimento tudo deve ao desenvolvimento rigoroso da lingüística por ele iniciado. Mas a noção de arbitrário do signo, de valor capital para a lingüística, preexistia a Saussure. Conta-se que Platão formulou o problema da relação entre os nomes e as coisas, apresentando a força de duas versões opostas entre natureza e cultura. Frente ao problema, Hermógenes defendia que os nomes atribuídos às coisas são arbitrariamente escolhidos pela cultura, enquanto Crátiles defendia que os

nomes são decalques da natureza. Saussure decifra esse enigma dando razão a Hermógenes (Dosse, 1993).

Sabe-se que os ensinamentos de Saussure foram orais, transmitidos em seu Curso de Lingüística Geral ministrado entre 1907-1911 e publicado postumamente em 1915 por dois de seus alunos, também professores em Genebra, Charles Bally e Albert Séchehaye. No curso Saussure fundamenta o arbitrário do signo, demonstrando que a língua integra um sistema de valores que se ordenam por diferenças puras.

Um acontecimento histórico a se destacar foi o I Congresso Internacional de Lingüística realizado em Haia em 1928, quando lá se reuniram os russos Jakobson, Karcevski e Troubetzkoy e os genebrinos Bally e Séchehaye. Todos tinham como propósito comum destacar a referência a Saussure para descrever a língua como sistema. Como se vê, Genebra e Moscou constituem o alicerce de sustentação do programa estruturalista. Foi nesse congresso inclusive que Jakobson empregou pela primeira vez o termo estruturalismo.

A proposta de Saussure ([1907-1911] 1995) contempla em síntese os requisitos que conformam o paradigma estruturalista: a abordagem descritiva, a prevalência do sistema, a preocupação em explicitar as unidades elementares a partir de procedimentos construídos e a ênfase concedida ao analogismo em detrimento do evolucionismo. As categorias valorizadas por ele irão servir de instrumento ao estruturalismo.

A lingüística francesa se sobressai pelo seu atraso. Somente em 1956, Greimas publica um artigo onde mostra que a lingüística estava sendo valorizada em diferentes domínios: por Merleau-Ponty na Filosofia, por Lévi-Strauss na antropologia, por Barthes na literatura, por Lacan na psicanálise (Dosse, 1993). Era o momento de auge do estruturalismo, mas nada acontecia na lingüística. Por esta razão, Greimas propõe o retorno a Saussure ([1907-1911] 1995), através de um programa centrado na semiologia, a qual Saussure define como a ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social.

## O ESTRUTURALISMO NA FRANÇA

O estruturalismo surge na França como uma retomada intelectual, cujo veio de impulsão se deu nos anos cinqüenta e sessenta (Dosse, 1993). Significou uma tomada de posição por parte de intelectuais descontentes com a cultura ocidental, que estavam em busca de novos modelos para pensar a realidade social. Naquele momento, o estruturalismo representava o novo que se impunha ao antigo, mas a partir do retorno a pensadores que haviam sido abandonados no pós-guerra. Neste contexto em que se buscava um modelo mais rigoroso, a produção de Lévi-Strauss guarda um traço familiar que merece ser reconhecido: sua família, predominantemente constituída de músicos, influencia seu olhar. O seu gosto pelas sínteses teóricas e pela escrita rigorosa se inspira no modelo das partituras musicais. Para ele, era preciso apreender a linguagem da estrutura na música. O que é a partitura senão o esqueleto, a estrutura da composição musical?

Lévi-Strauss extrai de Karl Marx o ensinamento de que as realidades manifestas são enganosas, e que compete ao estudioso construir modelos para ter acesso aos fundamentos do real como forma de ultrapassar a realidade sensível. Trazemos aqui a proposição de Marx para acentuar que a tese estrutural sempre existiu. A semente do método estruturalista já se encontrava em Marx.

A base da formação acadêmica de Lévi-Strauss se deu na Alemanha e não na França. Ele encontrou os fundamentos que buscava na Escola Histórica alemã. Sob a influência de Franz Boas percebe e valoriza a natureza inconsciente dos fenômenos culturais e coloca as leis da linguagem no centro da estrutura inconsciente. E neste terreno vai situar sua maior inovação, ao transpor o modelo lingüístico para o campo da antropologia francesa, até então caracterizada como uma ciência da natureza.

A lingüística estrutural é o modelo de que se servem Lévi-Strauss e Roman Jakobson, o nome relevante com quem buscou contato.

Dessa proximidade Lévi-Strauss extraiu dois princípios: a investigação de invariantes e a preponderância dos fenômenos inconscientes da estrutura.

Com a proibição do incesto, Lévi-Strauss se vê frente ao que perseguiu: o protótipo da lei, a invariância. Realiza um deslocamento em relação à abordagem tradicional, na medida em que se pensa o fenômeno em termos de interdições morais. Era essa a concepção de Morgan, para quem a proibição do incesto consistia numa proteção da espécie contra os efeitos funestos dos casamentos consanguíneos. A hipótese de Lévi-Strauss acentua o caráter de transação, de comunicação, que se instaura com a aliança do matrimônio. A proibição do incesto, base da aliança, passa a ser vista como decisiva no nascimento da ordem social. E, neste sentido, ela é a própria cultura (Dosse, 1993).

## LINGÜÍSTICA E PSICANÁLISE

A língua é uma convenção que expressa o acordo comunal cristalizado nos signos, símbolos da união entre o sentido e a imagem verbal, que o indivíduo registra no curso de seu processo de inserção no sistema dos símbolos lingüísticos. Filósofos e lingüistas concordam que sem os signos não seria possível distinguir duas idéias de modo claro e constante, porque o pensamento, essa massa amorfa onde nada se apresenta delimitado, requer a matéria fônica para moldar a plasticidade dos significantes e do jogo das diferenças entre eles.

O significante, de natureza auditiva, se desenvolve no tempo. Representa uma extensão mensurável na dimensão de uma linha horizontal, na qual os elementos se apresentam um após outro formando uma cadeia. O caráter arbitrário do signo manifesto na característica do significante não exige vinculação natural com a idéia que expressa, essa liberdade entre símbolo e idéia não acontece no que diz respeito à comunidade que o utiliza. Ao fato de o significante ter natureza impositiva quanto a seu uso, Saussure ([1907-1911] 1995) chama de *carta forçada*. A língua se situa no tempo e a isso se



deve seu caráter de fixidez. A solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolha. Sobressai a relação intrínseca existente entre dois fatores antinômicos: a convenção arbitrária, em nome da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se mantém fixada.

O tempo que assegura a continuidade da língua tem também o efeito de alterar os signos lingüísticos. Mas em toda possibilidade de alteração domina a persistência do velho. O princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade. A mixagem desses fatores – alteração e continuidade – produz tal deslocamento da relação entre significado e significante, cujo efeito implica o fato de que a língua se transforme sem que os indivíduos possam transformá-la.

Estruturada tal uma sinfonia cuja realidade independe da maneira como for tocada, a língua se impõe do exterior sem admissão de interferências. Capturado na malha desse sistema, o indivíduo é feito portador do tesouro da língua, lócus virtual onde esta adquire expressão coletiva. Se a língua se faz necessária para que a fala se torne inteligível, pactuada entre todos, a fala se faz imprescindível para que a língua se enraíze e se estabeleça enquanto estrutura estruturada. Eis o fundamento dialético que não autoriza a distinção entre indivíduo e sociedade como entidades autônomas. Fundamento que põe em suspenso as categorias de interior e exterior.

A linguagem humana e suas formas de expressão constituem os interesses da lingüística. Não estaria aqui preciso o ponto, a convergência, que aproxima lingüística e psicanálise?

A linguagem consiste na manifestação a um só tempo do individual e do social, sendo também multiforme porque envolve fenômenos físicos (as ondas sonoras), fisiológicos (fonação e audição) e psíquicos (imagens verbais e conceitos). A fala corresponde ao psíquico, cujo caráter é em essência individual. Através da fala o homem particulariza a língua. Ao estruturar a fala no domínio da idiosincrasia, Saussure ([1907-1911] 1995) inicia, sem o pretender, a ligação entre lingüística e psicanálise que mais tarde Lacan ([1955-1956] 1988; [1957] 1998) irá explorar.

Ao conceber o campo simbólico, Lacan ([1955-1956] 1988; [1957] 1998) inverte a ordem do signo lingüístico significado barra significante, para significante barra significado. Com essa inversão, Lacan marca a prevalência do significante sobre o significado, que se inscreve na fala e no seu mais além, no inconsciente. Ancorado no princípio lógico contido na produção do algoritmo S/s, Lacan afirma que o inconsciente se estrutura como uma linguagem.

Se o sujeito se apresenta atado à linguagem, no pensamento de Lacan ([1955-1956] 1988; [1957] 1998) ele se revela servo de um discurso em que o lugar que ocupa já se encontra inscrito em seu nascimento, ainda que seja apenas na forma de seu nome próprio. Esse discurso ao qual o sujeito se assujeita desde sempre instaura a experiência da comunidade, onde as trocas, as permutas, são concebíveis dentro da órbita da linguagem. Nesse discurso, a dualidade natureza-cultura dá lugar à concepção ternária natureza-sociedade-cultura, pela qual esta última significa a própria linguagem que distingue a sociedade humana das sociedades naturais.

Lacan ([1955-1956] 1988; [1957] 1998) acirra o debate sobre a arbitrariedade do signo, considerando ilusória a idéia de que o significante representa o significado. A posição primordial do significante e do significado como ordens distintas, separadas por uma barreira resistente à significação, pela qual coisa e representação não formam necessariamente uma unidade significativa, assegura a mensagem de que a significação apenas se sustenta na remissão à outra significação.

Lacan ([1955-1956] 1988; [1957] 1998) utiliza a imagem de duas portas gêmeas, que simbolizam o reservado sanitário, nas quais observa que o significante entra no significado, colocando-nos a questão de seu lugar na realidade. Partindo desta constatação, afirma que a estrutura do significante está em ele ser articulado. Somente as correlações do significante com o significado podem fornecer o padrão da significação. O significante se antecipa ao sentido, o qual insiste na cadeia do significante, mas nenhum dos elementos dessa cadeia encerra a significação de que ele é prenhe nesse momento. Ao

se escutar um poema o que dele se depreende é a potência de sua polifonia. A função significante que se desenha na linguagem tem o nome de metonímia. A parte tomada pelo todo. Vela que representa navio. A ligação entre navio e vela se dá no significante, de palavra em palavra se constrói a conexão na qual se apóia a metonímia. Já a metáfora surge entre dois significantes: um substitui o outro, assume seu lugar na cadeia significante. Uma palavra por outra, fórmula da metáfora, que se coloca no ponto em que o sentido se produz no não-sentido.

## A NOÇÃO DE ESTRUTURA E A CLÍNICA PSICANALÍTICA

Como podemos retomar a discussão inicialmente proposta sobre a posição do analista como um lugar estrutural?

O ponto de partida está na consistência que se deseja imprimir ao lugar do analista. Do campo da arquitetura assimilamos a idéia sobre a consistência do edifício, expressa no desenho e no estilo que dá forma à construção, e que ao se erguer precisa ser capaz de suportar carga. Eis o elemento invariante mais importante desse tipo de construção. Do contrário, independente do estilo, como sustentaria um edifício o pleno funcionamento para o qual se destina?

Com esta imagem em mente, trago um exemplo à guisa de articulação com o campo clínico.

Recordo-me de um dia em que uma analisanda me fez pensar sobre a significância especial de que se reveste a palavra na cena analítica. Mostrava-se impressionada com a força que as palavras adquiriam quando ela se encontrava no consultório. Sucedeu que, nesse dia em que a temperatura atmosférica estava elevada, eu havia acabado de abrir a porta de entrada, ainda nos encontrávamos na sala de espera, e ela queria beber água. Observando que não havia copo na geladeira como de costume, abri o armário e peguei a pilha de copos descartáveis que se encontravam dentro da embalagem de plástico. Eu realizava pequeno esforço para retirar os copos do plástico enquanto ela me ajudava. No átimo de segundo em que os copos

deslizaram para fora da embalagem, pronuncio uma palavra que acompanha o movimento de nossas mãos: *saiu*. Nesse momento ela me olha e sorri. Acha graça do que digo e fala enquanto nos dirigimos à sala de atendimento:

É engraçado como as palavras, aqui, parece que ganham um significado especial. Eu presto muito mais atenção nelas quando estou aqui do que em outros lugares. Eu achava que vocês psicanalistas interpretavam o tempo todo. Às vezes eu perguntava aos meus amigos psicólogos, psicanalistas, como eles faziam, se interpretavam a gente quando estavam conversando. Eles me diziam que não era bem assim, que o analista só interpreta quando está atendendo, quando está fazendo o seu trabalho. Agora eu entendo...

Ela tem plena razão. As palavras no *setting* adquirem sentidos estritos que dizem respeito apenas ao momento particular em que são proferidas. Elas revestem de simbolização a experiência transferencial, assim como o fazem com certa face do real, quando esta se presta a ser apreendida pelo verbo. As palavras adquirem significações especiais na análise. Elas fogem do sentido habitual que a língua lhes designa para conotar algo do vivido, do real, que assim se deixa entrever. Como força de um *plus* de acento que a palavra adquire no exercício analítico, somos levados à atenção flutuante, visando ultrapassar o sentido usual da palavra. Porque faz parte do rito de analisar, ao menos no estilo em que busco inserir minha *práxis*, recortar da fala uma palavra que clama – por seu conteúdo particular, por sua conotação, por sua densidade, por sua estranheza ou por sua incidência repetitiva no discurso – e nos aponta um núcleo de significações que nela se concentra. “E como não haveria até mesmo um psicanalista de hoje de sentir que chegou a isso, a tocar na fala, quando sua experiência recebe dela seu instrumento, seu enquadre, seu material e até o ruído de fundo de suas incertezas?” (Lacan, [1957] 1998: 497).

Com esta interrogação Lacan abre o debate sobre o sentido da letra e chama nossa atenção para que, para-além da fala, no inconsci-

ente, mais do que se deparar com a sede dos instintos, o que o psicanalista encontra é a estrutura da linguagem. O que considero fino nesta citação é que ela nos possibilita perceber a realidade da fala.

No *Seminário 3, As psicoses* (Lacan, [1955-1956] 1988), ao abordar a significação do delírio, interessado em demonstrar a importância de se entender de que lugar surge a palavra na fala delirante, Lacan critica aqueles que acreditam ser preciso falar a mesma linguagem do paciente e realça a realidade da fala como aquilo do que verdadeiramente se trata. De fato, por vezes fica flagrante quão concreta a fala pode se apresentar, especialmente quando porta voz da *língua fundamental* do delírio. Tamanha literalidade nos faz pensar que não se trata, na fala, de uma descrição distanciada sobre a realidade, onde esta se faz representar através dos signos convencionais da língua, mas que ela em si é uma realidade.

A realidade da fala porta uma linguagem, na qual se encadeiam signos-enigmas da língua singularizada. Sobre essa realidade de importância capital incide o trabalho do analista, que consiste primeiro em levar em consideração justamente isto: a fala enquanto realidade. Fala: realidade palpável para o psicanalista que chega mesmo a tocá-la. Eis um elemento invariante que se persegue nesse trabalho. Que psicanalista não concordaria que a psicanálise, apesar da pluralidade teórica e das diferentes abordagens que habitam seu campo, opera sobre a realidade da fala? Mas o que é a realidade da fala senão o campo sobre o qual incide o trabalho analítico? A fala entendida como campo nos fornece a imagem de que sua realidade se assemelha a de uma mina, de onde se espera extrair a matéria prima. O trabalho não se resume a uma ação extrativista, porque compreende o movimento de revolver o conteúdo encontrado.

Ao discursar para um grupo de filosofia da Federação dos Estudantes de Letras, Lacan lembra que Freud considerava a qualificação literária como a exigência primordial da formação dos analistas. Por que Freud via na *universitas litterarum* o lugar ideal para a psicanálise? Não seria o desvendar da trama, do drama, tal como esse sentido se ordena nas palavras, no contexto da fala, a verdadeira

construção a que se dedica o psicanalista? Construção que implica desconstruir a ordenação do discurso, produzir no desmaiar do sentido o desvio do curso associativo, introduzir o elemento perturbador, cortante, desconcertante, que é a fala do analista, ou seu silêncio ante o pedido insistente de um fechamento que possa interpor uma clausura à incerteza que marca a busca angustiante, precipício sem fim das significações.

Voltando à situação experimentada com minha analisanda, do que ela se dá conta quando falo a palavra *saiu* na sala de espera, é uma espécie de densidade gravitacional que envolve as palavras no ambiente da análise. E, ao acompanhar a percepção dela, eu também me dou conta do que significa o enquadre. Pergunto-me se o enquadre não seria a expressão dessa força. Que força gravitacional é essa que toma conta das palavras no *setting* analítico?

A experiência do analista recebe da fala seu enquadre, nos diz Lacan ([1955-1956] 1988). O recorte de certas palavras do discurso manifesto realizado pelo analista em si implica que uma seleção interpretativa foi posta em ação, início da construção que se realiza em análise. Construção marcada pelo estilo, pelo traço, pela arquitetura singular de cada analista. Deste ponto preciso e particular emerge a estrutura da composição literária que se processa em cada análise. O enquadre assim entendido é, ele mesmo, expressão dessa literatura que dá corpo e estrutura ao trabalho da análise, estruturando, no conjunto, a posição do analista, proporcionando a força temporal que a sustenta. Porque é dentro de uma temporalidade transferencial que se cria a atmosfera densa onde esta produção invisível se processa.

Mas esse lugar estrutural da posição do analista não está dado porque ele não resiste à cristalização. Esse lugar é o tempo inteiro achado e perdido, na barafunda da linguagem que transborda na cena analítica. Linguagem que brota na fala e toma a forma de palavra limpa do convencional sentido, para borrá-la completamente na mistura de sentidos afetados pelos afetos.

A linguagem psicanalítica é aquela que desloca idéias nunca cristalinas que transitam do *divã* à poltrona a intercambiar, deslizar,

desgarrar sentidos. Mosaico que se compõe com uma paleta de palavras onde comparecem das mais doces e amenas às mais tiranas, cruéis ou infames. Palavras voam errantes no ambiente magnetizado pela transferência e são lançadas no jogo que institui a linguagem desse campo. Palavras atravessam a cena analítica e, oferecidas, compõem a teia virtual em que se amarra o lugar do analista, em que se tece a compreensão, a direção, sempre acompanhada de incompreensão.

A fala, esse instrumento volátil, constrói um sentido num tempo preciso. Mas a decomposição da fala processada pela análise não se apresenta apenas como confissão. Porque a fala, no mesmo tempo que revela, encobre. Algo ela nos permite entrever. A fala tornada jogo exige o esforço da construção das significações. E se fosse tão somente isso, poderia se tratar de um jogo lógico. Lugar incerto o que ocupa o analista. Os afetos e o investimento destes, em ação na cena, compõem as diversas imagens que vemos surgir no caleidoscópio analítico. A cada momento uma configuração significativa se apresenta desmontando a anterior. Essa construção efêmera resiste a uma determinada significação. Assim também acontece com a palavra estrutura que endurece quando presa a uma significação precisa.

A estrutura da análise é móvel, imprecisa, porque o que sabemos é que se trata de uma estrutura que guarda a certeza de uma incerteza que a funda. Igualmente móvel e impreciso é o lugar do analista, que recebe da composição literária formulada em análise seu enquadre, sua estrutura, sua função estruturante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barthes, R. (1963/s/d). A atividade estruturalista. Em Coelho, E. P. (org.). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos* (pp. 19-29). São Paulo: Martins Fontes.
- Derrida, J. (1967/s/d). A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. Em Coelho, E. P. (org.). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos* (pp. 101-123). São Paulo: Martins Fontes.

- Dosse, F. (1993). *História do estruturalismo: I. O campo do signo, 1945/1966*. São Paulo: Editora Ensaio.
- Freud, S. (1937/1976). Construções em análise. *Obras Completas, ESB*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1955-1956/1988). *As psicoses, Livro 3*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1957/1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Pouillon, J. (1966/s/d). Uma tentativa de definição. Em Coelho, E. P. (org.). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos* (pp. 3-19). São Paulo: Martins Fontes.
- Saussure, F. de. (1907-1911/1995). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.

Recebido em 28 de abril de 2008

Aceito para publicação em 17 de maio de 2008